

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 13 • 2005



CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS
2005

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS
Volume 13 • 2005 ISSN: 0872-6086

COORDENADOR E
RESPONSÁVEL CIENTÍFICO – João Luís Cardoso
ILUSTRAÇÕES – Autores ou fontes assinaladas
PRODUÇÃO – Gabinete de Comunicação / CMO
CORRESPONDÊNCIA – Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras
Câmara Municipal de Oeiras
Fábrica da Pólvora de Barcarena
Estrada das Fontainhas
2745-615 BARCARENA

Aceita-se permuta
On prie l'échange
Exchange wanted
Tauschverkehr erwünscht

ORIENTAÇÃO GRÁFICA E
REVISÃO DE PROVAS – João Luís Cardoso
MONTAGEM, IMPRESSÃO E ACABAMENTO – Palma Artes Gráficas, Lda. - Tel. 244 447 120 - Mira de Aire
DEPÓSITO LEGAL N.º 97312/96

Estudos Arqueológicos de Oeiras,
13, Oeiras, Câmara Municipal, 2005, p. 321-334

O MONUMENTO MEGALÍTICO DE MONTE SERVES (VERDELHA DO RUIVO, VILA FRANCA DE XIRA)

C. T. North, R. Boaventura¹ & J. L. Cardoso²

1 - INTRODUÇÃO

O monumento megalítico de Monte Serves, actualmente com o código nacional de sítio (CNS) S-4792, corresponde a pequeno sepulcro, até ao presente apenas muito brevemente referido na bibliografia (FERREIRA, 1975, p. 52; ZBYSZEWSKI *et al.*, 1977, p. 224; PARREIRA, 1985, p. 110). No entanto, a existência de um relatório ainda inédito, da autoria de um de nós (C. T. N.), dos trabalhos ali realizados e a identificação por outro de nós (J. L. C.) do original da planta então desenhada (do Arquivo de Octávio da Veiga Ferreira), bem como o evidente interesse do monumento, justificam o presente trabalho, no qual se apresentam observações inéditas obtidas no decurso da escavação, acompanhadas de breves comentários relativos à respectiva integração cultural no quadro do megalitismo da península de Lisboa.

2 - HISTÓRIA DAS INVESTIGAÇÕES

O processo S-4792, conservado no arquivo do Instituto Português de Arqueologia, correspondente ao anterior processo JN 11 n.º 1 (53) permite reconstituir os trâmites relacionados com a exploração do monumento megalítico de Monte Serves.

Após a descoberta efectuada por O. da Veiga Ferreira, no decurso dos levantamentos geológicos na região de Vila Franca de Xira, o processo de autorização para a subsequente intervenção arqueológica foi relativamente rápido. O pedido respectivo, apresentado em nome individual, pelo Engenheiro Christopher

¹ Bolseiro de Doutoramento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia. Arqueólogo da Câmara Municipal de Odivelas.

² Agregado em Pré-História. Professor Catedrático da Universidade Aberta, Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras).

Thomas North, foi enviado à Junta Nacional da Educação a 28 de Março de 1972, dando entrada nos serviços a 31 desse mês. A 12 de Abril, o pedido é aceite e no dia seguinte é designado, como relator, Georges Zbyszewski. Este dá um parecer positivo a 14 de Abril desde que "(...) observando as normas habituais nomeadamente as seguintes:

- 1 - Um relatório circunstanciado deverá ser enviado à Junta Nacional da Educação;
- 2 - O material colhido no decurso das escavações deverá ser depositado no Museu dos Serviços Geológicos, da Direcção-Geral de Minas e Serviços Geológicos;
- 3 - Os resultados das pesquisas não deverão ser divulgados antes da entrega do relatório referido".

A 3 de Maio de 1972 o parecer é homologado, conforme consta do ofício enviado a C. T. North, com cópia a O. da Veiga Ferreira e ao Director-Geral de Minas e Serviços Geológicos.

A 3 de Janeiro de 1973, C. T. North enviou à referida Junta o "(...) relatório referente à escavação do Monumento Megalítico de Monte Serves, levada a efeito em 30 de Setembro e 1 de Outubro de 1972 (...)", o qual é aprovado a 20 de Março do mesmo ano, com base em parecer do vogal designado como relator, seguindo os respectivos ofícios para C. T. North, O. da Veiga Ferreira e o Engenheiro-Chefe dos Serviços Geológicos no dia seguinte.

Cerca de doze anos depois, a 31 de Dezembro de 1985 Rui Jorge Zacarias Parreira apresentou um Pedido de Autorização para Trabalhos Arqueológicos neste mesmo monumento, invocando como "Motivos e objectivos da realização dos trabalhos [a] escavação da mamoa de um monumento megalítico, de que foi escavado apenas a câmara (...)". Neste pedido incluía-se também a "consolidação do monumento (com reposição da mamoa) e a valorização do sítio (incluindo a sua sinalização, junto a um caminho vicinal muito frequentado por caçadores da região)", contando-se com o apoio da Câmara de Vila Franca de Xira. No entanto, informação interna do Instituto Português do Património Cultural de 5 de Agosto de 1986, refere que "Contactado pessoalmente, o dr. Rui Parreira afirmou não tencionar desenvolver esta acção este ano, pelo que o processo pode ser arquivado". Informação recente de Rui Parreira a um de nós (R. B.) confirmou, com efeito que tais trabalhos jamais foram efectivados.

Nos últimos vinte anos, procurou-se, de forma bem-intencionada, mas muito discutível, salvaguardar e valorizar o monumento. Todavia, tal acção, consistindo na cimentação de uma placa de mármore no lado externo do esteio de cabeceira do sepulcro, com a legenda "monumento megalítico de Monte Serves" e na delimitação da estrutura pétreia da câmara com tubos metálicos e correntes fixados sobre a mamoa, terá evitado a destruição do mesmo, ou pelo menos impedido que ali fossem despejados entulhos e lixos, como aqueles que se avistam em redor.

3 - TRABALHOS REALIZADOS

O relatório de C. T. North, intitulado "Relato das escavações feitas no monumento megalítico de Monte Serves, Bucelas" consta de 11 páginas dactilografadas; no exemplar conservado no arquivo do Instituto

Português de Arqueologia faltam as páginas 8 e 9, correspondendo a imagens fotográficas referidas no texto (as Fig. 7, 8 e 9). As primeiras 4 páginas contêm a descrição e a avaliação dos trabalhos, seguidas de cinco páginas com fotos a preto e branco obtidas no decurso das escavações. Outra página apresenta a planta e alçados do sepulcro e, finalmente, na página 11, apresenta-se um mapa de enquadramento legendado "Localização dos monumentos megalíticos da Península de Lisboa" (Fig. 1), na qual se listam também os monumentos megalíticos da região da Figueira da Foz.

Neste trabalho, para melhor avaliação das tarefas então executadas, apresentam-se diversos trechos daquele relatório, doravante indicado sob a designação "NORTH, 1973", acompanhados das imagens mais significativas.

"As escavações arqueológicas do monumento megalítico de Monte Serves foram levadas a efeito nos dias 30 de Setembro e 1 de Outubro de 1972. Elas tiveram a colaboração dos Doutores G. Zbyszewski, O. da Veiga Ferreira e Manuel Leitão, do Eng^o. Henrique Reynolds de Sousa e Senhores José Norton e Jorge Paulino³.

Ao chegar ao local verificou-se que o suposto monumento aparentava apenas um montão de pedras à superfície igual a vários outros afloramentos na vizinhança com excepção da orientação das lajes que não era a mesma dos afloramentos e estas estavam sobre um pequeno montículo. (Fig. 1)" [= Fig. 5 deste trabalho].

Observando a folha 403 da Carta Militar de Portugal, 1:25.000 (Fig. 1), o sítio situa-se a uma cota de 311 metros de altitude, com as seguintes coordenadas UTM - EUR50 (medidas com o GPS Magellan Explorist 200, com uma margem de erro de 3 metros):

X (m) - 29 492796E

Y (p) - 4305255N

"(...) O primeiro trabalho da escavação foi limpar a área do monumento da vegetação superficial e das pedras soltas. Enquanto uma brigada procedia a esta operação colocava-se e orientava-se a prancheta e começou-se a fazer o levantamento da planta de todas as lajes individuais que se supunha pertencerem ao monumento, assim como os limites da mamoa. Retirou-se e crivou-se uma primeira camada de terra de maneira a obter-se uma superfície plana e baixando o nível dentro do monumento uns 15 cms. e uns 5 cms. pelo lado de fora. Não foi encontrado qualquer espólio nesta camada.

A uma profundidade de aproximadamente 30 cms. notou-se que a terra estava mais compacta e apresentava uma cor avermelhada, o que indicava não ter sido remexida em tempos próximos. (Fig. 2) [= Fig. 6 deste trabalho]. As terras continuaram a ser removidas por camadas de 15 cms. e rapidamente se verificou que se tratava de facto dum monumento constituído por uma série de ortostatos ou esteios, de calcário do Cenomaniano da região, na posição vertical.

A cerca de 50 cms. descobriu-se, do lado E., uma laje que devia ter sido colocada ao alto e ao lado do último ortostato da cripta (N^o 7, Fig. 11), para funcionar como ombreira. Esta e outras lajes menores teriam

³ Trata-se do Prof. Eng. Jorge Paulino Pereira, que então participou em diversas escavações arqueológicas.

caído para o exterior da cripta e deveriam ter feito parte da porta de acesso. Não existia conjunto similar do lado S. (Fig. 3).

Pouco depois, pelo lado de dentro destas lajes apareceu uma camada composta de pequenas lajes que cobriam toda a área do túmulo. Ao centro esta camada era mais fina do que a parte que estava encostada aos esteios onde era composta por várias lajes umas em cima das outras. (Fig. 4). A posição e o aspecto indicava que provavelmente elas eram os restos da falsa cúpula que deveria ter coberto este monumento. Sendo assim, quaisquer [vestígios] ou espólio de enterramento deveriam estar por debaixo. A partir deste ponto redobraram-se os cuidados na remoção e crivagem das terras.

A uns 90 cms. notou-se uma terra de côr mais escura, possivelmente devido à presença duma substância orgânica. De facto não tardou descobrirem-se parte duns ossos que, depois de limpos, se identificaram como sendo dos restos dum braço humano (rádio). Estavam em muito mau estado de conservação e só com dificuldade e apenas pelo aspecto alterado da terra é que foi possível identificar o húmero. Analisando a posição destas ossadas pareceu-nos que, para nossa grande surpresa, o esqueleto estava de cabeça para a entrada. Este facto foi comprovado por se ter encontrado, in situ, alguns dentes e fragmentos do crâneo. Cerca de uns 10 cms. mais abaixo encontrámos outro braço em posição idêntica à do primeiro, e junto da cabeceira parte de uma tibia. (Fig. 5) [= Fig. 7 deste trabalho].

Este enterramento tinha sido feito portanto, com o corpo voltado sobre o lado direito, encostado ao esteio 5 com a cabeça para a entrada e o corpo encolhido.

Continuando a escavação até se atingir a camada de caliço (alteração de calcário margoso do Cenomaniano), verificou-se que o monumento não fora violado, conforme o indicava o estado e o aspecto das várias camadas. Além do esqueleto encontrado, de dois fragmentos inclassificáveis de sílex, alguns restos de corantes e um fragmento de carvão, não continha mais nenhum objecto pré-histórico.

(...) Em planta o monumento é constituído por um grande ortostato (C), que servia de cabeceira, pelos ortostatos 1, 3, 5 e 7 do lado direito, e pelos 2 e 4 do lado esquerdo, olhando da porta para a cabeceira. (Fig. 11) [= Fig. 9 deste trabalho].

A cabeceira encontrava-se danificada na parte superior direita e, como é costume neste tipo de monumento, quase todos os ortostatos [p. 2] estavam calçados ou reforçados pelo interior, junto à base, com pequenas cunhas de pedra para travar ou consolidar a construção. Do lado direito existiam dois encostos (e1 e e2), que protegiam o espaço aberto entre os ortostatos 5 e 7.

Os ortostatos 1, 3, e 5, do lado direito e os 2 e 4 do lado esquerdo estão imbricados e formam uma cripta semi-triangular com base de 1,20m. e uma altura de 1,80m.

O ortostato N° 7 faz parte duma pequena galeria de entrada incipiente que era, sem dúvida, constituída por outros ortostatos.

A porta, conforme foi verificado no local, era composta por uma série de pequenas lajes verticais paralelas e imbricadas (Fig. 3).

O monumento era circundado por uma mamoa como se vê no corte da entrada (Fig. 6) [= Fig. 8 deste trabalho]. Esta era constituída por um enrocamento de pedras calcárias, bem imbricadas umas nas outras,

de forma a proteger o recinto tumular.

Devido à pressão das terras, todos os ortostatos estavam ligeiramente inclinados para o lado S. conforme se pode verificar no corte transversal e nas Figs. 7, 8 e 9 (...)" (NORTH, 1973, p. 2-3)

4 - DISCUSSÃO

Do relatório, merecem destaque alguns aspectos; um deles reporta-se à provável falsa cúpula do monumento megalítico de Monte Serves, apresentando como paralelo o sepulcro de Vale de Rodrigo (Évora), bem como outros "monumentos do tipo mixto", nomeadamente os de Trigache (Odivelas), do Baixo Alentejo e das Caldas de Monchique. Por outro lado, remetendo para a Fig. 12, considerava-se que Monte Serves podia "ser perfeitamente integrado nos monumentos" megalíticos da região de Lisboa, relembrando a proximidade espacial do dólmen de Casal do Penedo. Assim, seguindo uma ideia apresentada em trabalhos anteriores, da autoria de O. da Veiga Ferreira e colaboradores, este sepulcro megalítico, tal como os restantes da região de Lisboa, enquadrar-se-ia na "cultura do Sudeste", tendo pouco a ver com a "cultura dolménica". O mesmo sucederia com outros monumentos megalíticos da região da Figueira da Foz.

Depois de observar as imagens do relatório, não é clara a existência de uma cobertura em falsa cúpula, parecendo mais pedras entretanto caídas na câmara ou cumprindo a função de calço. Assim, a cobertura deverá ter usado o mesmo tipo de lajes utilizadas como esteios na câmara, mas infelizmente desaparecidas, hipótese aliás em perfeita consonância com a planta sub-trapezoidal da câmara e as suas pequenas dimensões.

A planta da câmara do monumento megalítico de Monte Serves possui contorno sub-trapezoidal e é aproximadamente simétrica, aberta, mas sem um corredor definido, com o eixo orientado a 112^o, lembrando as plantas dos dólmenes de Casal do Penedo (Vila Franca de Xira), Arruda (Arruda dos Vinhos) e Pedras da Granja (Sintra).

As pequenas dimensões deste monumento, quando comparadas com aqueles exemplos, fazem com que tais afinidades sejam apenas de carácter formal. Aliás, a sepultura de Monte Serves, por tal motivo, constitui exemplar único na região de Lisboa, onde as diversas câmaras dolménicas conhecidas apresentam tamanhos invariavelmente bastante superiores.

Outro aspecto construtivo de cunho particular é a evidente imbricação dos esteios laterais da câmara, com paralelos em alguns monumentos da região de Lisboa, especialmente a anta das Pedras da Granja (Sintra), apesar da evidente desproporção do tamanho entre ambos os monumentos.

A existência de vestígios ainda relevantes do *tumulus* é também um aspecto de grande interesse, dadas as escassas evidências comparáveis em outros sepulcros dolménicos da região, pelo que nos propomos,

⁴ Leitura realizada por Cândido Marciano da Silva a 26 de Outubro de 2005.

em data oportuna, proceder à exploração desta parte do monumento.

O quase nulo espólio recolhido e incharacterístico dificulta a atribuição cronológico-cultural do monumento. No entanto, deve valorizar-se a presença de alguns restos osteológicos, atribuíveis apenas a um só indivíduo, situação que se verifica em monumentos megalíticos de épocas recuadas do ciclo megalítico do Alto Alentejo e, tal como este, de pequenas dimensões. A solução para esta questão passaria pela datação de radiocarbono dos ossos detectados, mas isso já não parece ser possível por desconhecimento do seu actual paradeiro, na hipótese de estes terem sido preservados.

O vale de Verdelha do Ruivo⁵ (Fig. 1), por onde corre a Ribeira da Carvalha, parece ter conhecido uma ocupação humana importante durante os IV/III milénios a.C. Além do monumento de Monte Serves, na cumeada oeste deste vale, registava-se, a cerca de 1.300 metros para sul, a anta do Casal do Penedo. Trata-se de monumento já desaparecido (VAULTIER & ZBYSZEWSKI, 1951), situado junto de pedreira onde se detectaram, respectivamente, dos lados oeste e este, a gruta funerária de Verdelha do Ruivo, ocupada no final do Calcolítico⁶ (LEITÃO *et al.*, 1984) e um silo de cunho habitacional⁷ (FERREIRA, 1973-74; ZBYSZEWSKI *et al.*, 1976). Finalmente, o povoado calcolítico de Moita da Ladra (CARDOSO & CANINAS, no prelo), no extremo da cumeada oriental do vale (Fig. 2), também deverá ser integrado neste conjunto, por ser contemporâneo de algumas das deposições funerárias referidas. Uma das explicações para esta concentração humana pré-histórica pode resultar do facto daquele vale constituir uma das vias naturais de atravessamento entre a margem direita do Tejo e o vale de Bucelas e, a partir dali, até ao litoral atlântico.

BIBLIOGRAFIA

CARDOSO, J. L. & CANINAS, J. C. (no prelo) – O povoado calcolítico fortificado de Moita da Ladra (Vila Franca de Xira). Comunicação apresentada ao 3^o Colóquio Internacional *Transformação e Mudança. Cascais, 6 a 9 de Outubro de 2005*.

FERREIRA, O. da VEIGA (1973-74) – Notícia de algumas estações pré e proto-históricas e objectos isolados inéditos ou pouco conhecidos: 2^a parte. *Boletim Cultural da Junta Distrital de Lisboa*. Lisboa, 79-80, 2^a Série, p. 131.

FERREIRA, O. da VEIGA (1975) – Acerca dos monumentos de planta quadrada ou rectangular encontrados em Portugal. *Boletim Cultural da Junta Distrital de Lisboa*. Lisboa, 81, p. 52.

LEITÃO, M.; NORTH, C. T.; NORTON, J.; FERREIRA, O. V. & ZBYSZEWSKI, G. (1984) – The Prehistoric Burial Cave at Verdelha dos Ruivos (Vialonga), Portugal. In *L'Âge du Cuivre européen: Civilisations à vases campaniformes*. Paris: CNRS, p. 221-239.

⁵ Surge na folha 403 da Carta Militar de Portugal designado como Verdelha do Ruivo.

⁶ Designado por Rui Parreira (1985: 110) Pedreira do Casal do Penedo 2.

⁷ Designado por Rui Parreira (1985: 110) Pedreira do Casal do Penedo 1.

- NORTH, C. T. (1973) – *Relato das escavações feitas no monumento megalítico de Monte Serves, Bucelas*. Dactilografado, 11 p., Processo S-4792, Arquivo do Instituto Português de Arqueologia.
- PARREIRA, R. (1985) – Inventário do património arqueológico e construído do concelho de Vila Franca de Xira - Notícia da parcela 403-8. *Boletim Cultural*. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal, p. 107-120.
- VAULTIER, M. & ZBYSZEWSKI, G. (1951) – Le dolmen de Casal do Penedo (Verdelha dos Ruivos). *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto: Instituto de Antropologia, 13, p. 17-33.
- ZBYSZEWSKI, G.; FERREIRA, O. da V.; LEITÃO, M.; NORTH, C. T. & NORTON, J. (1977) – Le monument de "Pedras da Granja" ou de "Pedras Altas" dans la "Várzea de Sintra". *Ciências da Terra*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 3, p. 197-239 + il.
- ZBYSZEWSKI, G.; FERREIRA, O. da Veiga; LEITÃO, M.; NORTH, C. T. & NORTON, J. (1976) – Découverte d'un silo préhistorique près de Verdelha dos Ruivos (Vialonga), Portugal. *Madriider Mitteilungen*. Heidelberg, 17, p. 76.

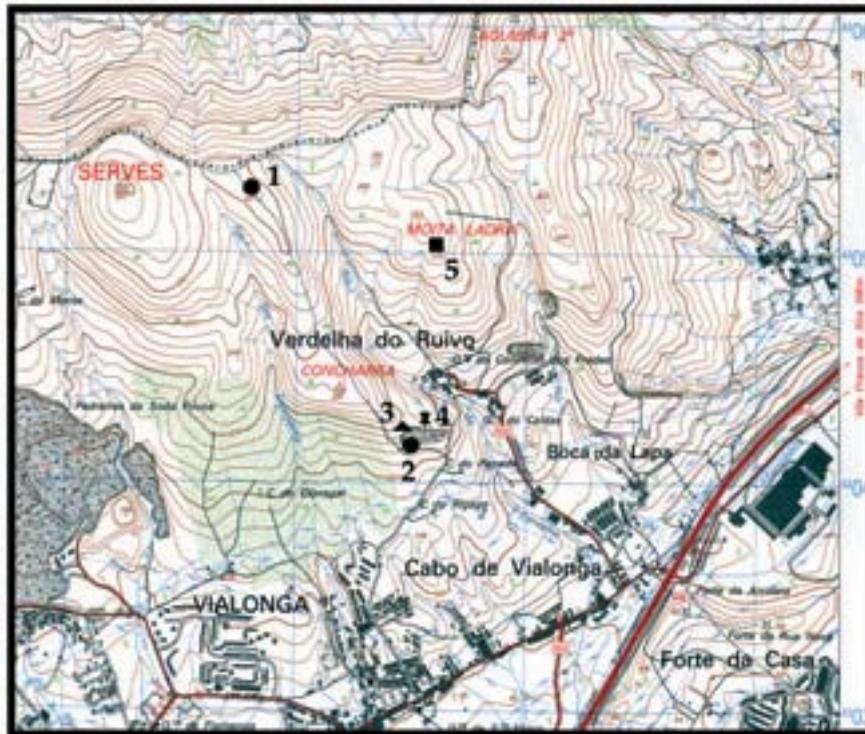


Fig. 1 – Localização das estações pré-históricas da área de Verdelha do Ruivo na folha 403 da Carta Militar de Portugal (1:25.000). 1 – Monumento megalítico de Monte Serves; 2 – Monumento megalítico do Casal do Penedo (destruído); 3 – Gruta da Verdelha dos Ruivos; 4 – Silo da Pedreira do Casal do Penedo; 5 – Povoado de Moita da Ladra. Original reduzido.



Fig. 2 – Localização do monumento megalítico de Monte Serves (à esquerda) e do povoado pré-histórico de Moita da Ladra (à direita), dominando o estuário do Tejo (ao fundo).



Fig. 3 – Vista geral da câmara do monumento megalítico de Monte Serves na actualidade. Orientada para sudeste, note-se a imbricação dos esteios laterais e a presença do esteio de cabeceira.



Fig. 4 – Vista de este da câmara do monumento megalítico de Monte Serves, notando-se vestígios do tumulus envolvente.



Fig. 5 – Vista geral do monumento megalítico de Monte Serves antes da escavação de 1972 (NORTH, 1973: Fig. 1).



Fig. 6 – Vista parcial do interior da câmara do monumento megalítico de Monte Serves, observando-se a cerca de 0,30 m de profundidade uma camada de terra compacta e avermelhada (NORTH, 1973: Fig. 2).



Fig. 7 – Vista parcial do interior da câmara do monumento megalítico de Monte Serves, observando-se fragmentos de tíbia humana junto ao esteio de cabeceira (NORTH, 1973: Fig. 5).



Fig. 8 – Vista da entrada da câmara do monumento megalítico de Monte Serves, observando-se em segundo plano uma camada atribuída a cobertura tumular, constituída por terra e blocos calcários (NORTH, 1973: Fig. 6).

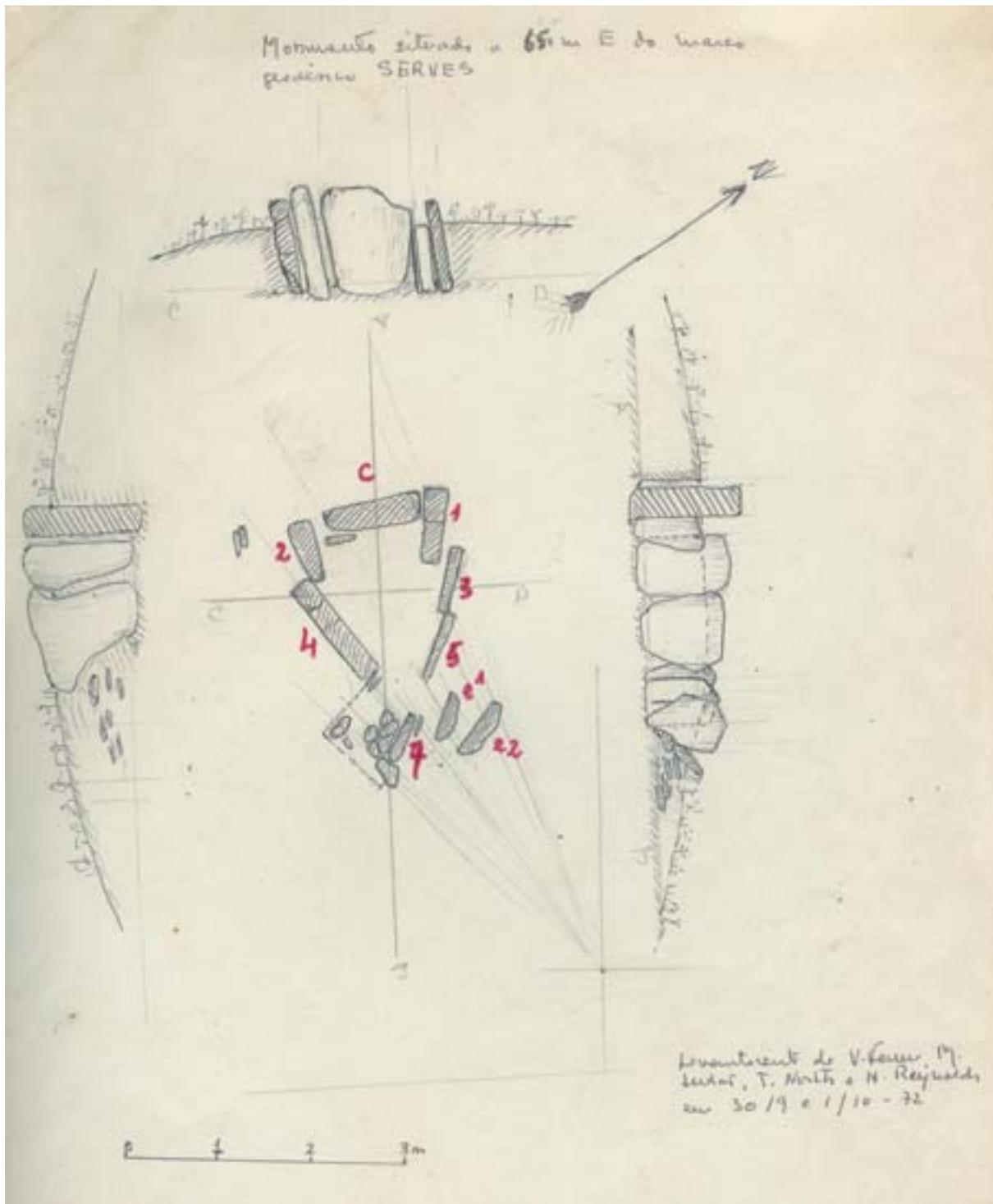


Fig. 9 - Planta geral e alçados do monumento megalítico de Monte Serves - original do arquivo de O. da Veiga Ferreira, de que o relatório de C.T. North (1973: Fig. 11) apresenta cópia.



Fig. 10 - Distribuição geográfica aproximada dos monumentos megalíticos funerários da península de Lisboa (NORTH, 1973: Fig. 12)